

Marcin Zatyka

João Paulo II e a missão da Polónia na Europa unida

JAN PAWEŁ II A MISJA POLSKI W ZJEDNOCZONEJ EUROPIE

Już w pierwszych swoich wystąpieniach kierowanych po wyborze na papieża Karol Wojtyła przypominał rodakom o położeniu Polski w centrum skonfliktowanej wówczas Europy. Temat podzielonego na dwa bloki kontynentu przewijał się w czasie niemal całego pontyfikatu Jana Pawła II, także po upadku „żelaznej kurtyny”, do którego w dużym stopniu sam się przyczynił. Kościół katolicki nie pozostał obojętny na zapoczątkowany po 1989 roku proces integracji państw byłego Bloku Wschodniego ze starymi demokracjami Europy Zachodniej. Obrany przez polskie elity polityczne kurs na zjednoczenie ze strukturami unijnymi otrzymał poparcie zarówno rodzimej hierarchii kościelnej, jak i Jana Pawła II. W trakcie swoich wystąpień, w tym podczas pielgrzymek do ojczyzny, przypominał on o konieczności realizowania przez Polaków ewangelizacyjnej misji w Europie. Jej jedność definiował jako wspólnotę ducha, podkreślając znaczenie tradycji oraz kultury chrześcijańskiej i umniejszając równocześnie aspekt ekonomiczny integracji europejskiej.

Słowa kluczowe: Karol Wojtyła, Jan Paweł II, Kościół katolicki, Polska, Unia Europejska, integracja europejska.

Apesar de João Paulo II ter uma posição clara sobre a presença da Polónia democrática na União Europeia, o Papa não escondia a sua opinião de que a abertura às ideias liberais da Europa Ocidental podia ter um impacto negativo na sociedade polaca. Durante a sua primeira visita à Polónia após o colapso do comunismo, em 1991, o Santo Padre lembrou que a aceitação de todas as tendências que chegam dos países da Comunidade Europeia podem levar os polacos a situações de perigo.

Na sua homilia em Włocławek, Karol Wojtyła apontou para o estilo de vida das sociedades contemporâneas europeias que está mergulhado no erotismo. Sugeriu que a Polónia como um estado modelo católico deve-se opor a este tipo de padrões. João Paulo II disse durante sua peregrinação apóstolica: “Não se deviam (...) envolver em toda esta civilização do desejo e do consumo que prevalece entre nós e quer ser chamada com o nome de europeísmo (...) É esta civilização – ou melhor anticivilização de cultura? Cultura ou anticultura? (...) Pois, a cultura é tudo o que torna um homem mais humano. Não é aquilo que apenas «usa» a sua humanidade”. Ao mesmo tempo o Papa alertava: “Não serve a restauração de valores do homem, empurrá-lo para tudo o que é sensual, todos esses tipos de desejo, todas as facilidades no campo dos sentidos, no campo da vida sexual, na área do consumo. Isto não serve para empurrar o homem, nem é uma medida de cultura, nem uma medida de europeísmo, a que muitas vezes se referem alguns defensores da nossa «entrada na Europa»”¹.

João Paulo II preocupado com a contaminação da moral polaca indicava que é perigoso tudo o que vem da Europa Ocidental influenciando negativamente a sociedade polaca. Mas apesar do Papa recordar os seus conterrâneos as raízes cristãs do continente, por outro lado deu aos polacos a entender que parte da Europa já se afastou da religião. Durante a sua homilia papal em Varsóvia Wojtyła observou que embora Cristo fosse criador do espírito europeu e da liberdade, mas foi colocado hoje em dia entre parênteses e começou a criar-se uma mentalidade europeia diferente. O Papa disse que esta mentalidade podia ser resumida na frase: “Temos que pensar de maneira como se Deus não existisse”. (...) Também isto faz parte do espírito europeu. (...) É por isso que ainda falam sobre a necessidade de uma nova evangelização.” Segundo o desejo do Papa, a Polónia católica ia estar na oposição destas tendências².

Apesar das críticas papais a alguns aspectos da vida na Europa Ocidental, o Papa manteve posição a favor da divisão entre o Estado e a Igreja, explicando que a Santa Sé não pretende criar um estado religioso na República da Polónia. Durante a missa em Olsztyn, Karol Wojtyła lembrou que “a Igreja quer (...) participar na vida das sociedades apenas como um testemunho do Evangelho”, mas está longe de desejar dominar qualquer área da vida pública, que não lhe

¹ Homilia de João Paulo II em Włocławek no dia 7 de Junho de 1991, “L’Osservatore Romano”, edição polaca, n.º 6/1991.

² Homilia de João Paulo II em Varsóvia no dia 9 de Junho de 1991, “L’Osservatore Romano”, edição polaca, n.º 6/1991.

pertence. Ao mesmo tempo, o Santo Padre apresentou o seu próprio entendimento acerca da neutralidade ideológica do Estado³. Durante a peregrinação de 1991 João Paulo II visitou Lubaczów, onde durante a homilia, disse que a exigência de neutralidade ideológica é correcta neste quadro, que o Estado devia proteger a liberdade de consciência e de religião de todos os seus cidadãos, independentemente da sua religião ou crença. – Mas o postulado para não permitir qualquer manifestação de santidade na vida social e do Estado é um postulado de ateização do Estado e da sociedade e tem pouco em comum com a ideia de neutralidade do conceito do mundo – disse o Papa⁴.

Teologia
dialogu

Durante a primeira visita à Polónia democrática, João Paulo II mostrou a sua posição negativa em relação à prática do aborto, uma tendência comum no Oeste europeu. O Papa apelou aos seus conterrâneos pela protecção da vida desde a concepção. Durante a sua peregrinação papal reuniu-se também com os deputados e os senadores que naquela altura preparavam um projecto de lei sobre a protecção da vida desde a concepção, e agradeceu-lhes por terem “uma atitude compatível com as crenças católicas”, e “o espírito da nação”. – Este cemitério de vítimas da crueldade humana do século, acompanha outro grande cemitério: o cemitério de crianças não nascidas, cemitério de indefesos, que o seu rosto não foi reconhecido até mesmo por sua própria mãe, aceitando ou cedendo à pressão para as suas vidas tiradas antes de nascer (...). Será que existe uma instância humana, será que há um parlamento que tem o direito de legalizar o assassinato de um ser humano inocente e indefeso? – perguntou retoricamente João Paulo II durante a missa papal em Radom⁵.

Segundo alguns autores o Papa polaco apesar de apoiar a presença da Polónia nas estruturas da União Europeia não se vinculava aos grupos dos pró-europeus polacos. Estes autores apontam que as elites intelectuais católicas da Polónia desiludiram João Paulo II⁶. Apesar de no período do bispado de Cracóvia, o cardeal Wojtyła patrocinar o semanário dos progressistas católicos “Tygodnik Powszechny”, numa carta a Jerzy Turowicz por ocasião das comemorações do 50.º aniversário

³ Homilia de João Paulo II em Olsztyn durante a peregrinação papal no dia 5 de Junho de 1991, “L'Osservatore Romano”, edição polaca, n.º 6/1991.

⁴ Homilia de João Paulo II em Lubaczów durante a peregrinação papal no dia 3 de Junho de 1991, “L'Osservatore Romano”, edição polaca, n.º 6/1991.

⁵ Homilia de João Paulo II em Radom durante a peregrinação papal de 4 de Junho de 1991, “L'Osservatore Romano”, edição polaca, n.º 6/1991.

⁶ A. Domosławski, *Pielgrzymka do Polski w 1991: Nieszczęsny dar wolności* (A Peregrinação à Polónia. A prenda desgraçada da liberdade), “Gazeta Wyborcza”, n.º 124, 30.05.1997.

rio da revista, usou o argumento próximo dos católicos conservadores, os então oponentes de formações pós-conciliares. O Papa usou uma linguagem que nunca se tinha encontrado nas suas publicações e no seu ensino. – A recuperação da liberdade, paradoxalmente, coincidiu com um forte ataque de esquerda e grupos liberais que estavam contra a Igreja, contra os bispos e o próprio Papa. Senti isso, especialmente no contexto da minha recente visita à Polónia em 1991 – apontou João Paulo II. O Papa observou que o impacto dessas influências também se sentiu no “Tygodnik Powszechny”. – Durante este tempo difícil a Igreja infelizmente não encontrou o apoio e a defesa suficientes, que tinha o direito de esperar, “ela não se sentiu suficientemente amada” – escreveu o Santo Padre⁷.

João Paulo II também é visto através do prisma de um membro da hierarquia católica que acreditava no papel messiânico da nação polaca. De facto, os elementos do messianismo apareceram no pensamento do Papa João Paulo II durante o seu pontificado promovendo a ideia de que a Polónia foi desenhada como um país capaz de ter um papel importante no processo da nova evangelização na Europa. Não faltam autores que observaram que o messianismo de João Paulo II se revelou através do encorajamento da sociedade a criar uma ordem económica e social na base dos valores cristãos⁸.

Nos primeiros anos após a queda do comunismo na Polónia, as opiniões de João Paulo II sobre a integração europeia não foram reveladas pelo Papa, nem aos fiéis, nem aos bispos polacos. A mudança chegou com a visita ad limina apóstolorum no dia 14 de Fevereiro de 1998⁹. Naquela altura o governo polaco já estava significativamente envolvido no processo de negociações com as instituições da União Europeia sobre a futura adesão da República da Polónia às estruturas europeias. E apesar de um ano antes se ter realizado a primeira visita dos representantes da Conferência Episcopal da Polónia a Bruxelas, que incluiu o Primaz da Polónia cardeal Józef Glemp, a hierarquia da Igreja Católica polaca raramente apresentava em conjunto as suas ideias sobre a perspectiva da adesão da Polónia à UE. Embora houves-

⁷ A carta de João Paulo II a Jerzy Turowicz por ocasião dos 50 anos da fundação do “Tygodnik Powszechny”, in João Paulo II, *Pozdrawiam i błogosławię. Listy prywatne papieża* (Cumprimento e abençoó. As cartas privadas do Papa), Varsóvia, 2005.

⁸ K. Wołodźko, *Czy Jan Paweł II był mesjanistą?* (Sera que João Paulo II foi um mesianista?), in www.deon.pl, 23.07.2012.

⁹ João Paulo II, “Odnowa człowieka i społeczeństwa dokonuje się za sprawą odnowy sumień” (A renovação do homem e da sociedade decorre graças à renovação de consciências), discurso aos bispos polacos no dia 14.02.1998, Vaticano.

se já evidentes divisões entre os bispos polacos que eram defensores e opositores da adesão do país às estruturas europeias. O primeiro grupo incluía a maioria dos representantes da Conferência Episcopal da Polónia, contando com o arcebispo de Lublin, Józef Życiński e pelo arcebispo de Gniezno, Henryk Muszyński. No segundo grupo, por sua vez, o mais alto opositor da integração europeia era o bispo auxiliar de Sandomierz, Edward Frankowski.

No dia 14 Fevereiro de 1998 o Papa fez um discurso intitulado “A renovação do homem e da sociedade é feita pela renovação da consciência”. No parágrafo 4 do referido documento, o Sumo Pontífice fez comentários sobre a reunificação do continente europeu e o lugar da Polónia neste processo. O assunto da integração europeia apareceu somente no terceiro e último discurso aos bispos no âmbito da visita ad limina. Na sua intervenção o Papa João Paulo II enfatizou o papel da cultura polaca na unificação do continente europeu. Assinalou que é preciso fazer tudo para que esse processo não seja reduzido apenas aos aspectos puramente económicos e materiais. O Papa recordou também a sua homilia da missa em Gniezno, durante as suas peregrinações à pátria em 1979 e 1997, e observou que é necessário proteger o património espiritual fornecido pelos Países cristãos da Europa contemporânea. – Eu disse muito claramente nas homilias em Gniezno: “Para a verdadeira unificação do continente o caminho ainda está longe. Vai haver unidade da Europa, quando ela se tornar uma comunidade espiritual. Este fundamento mais profundo da unidade foi entregue à Europa e foi fortalecido pelo cristianismo com o seu Evangelho, com a sua compreensão do homem e contribuição no desenvolvimento dos povos e das nações. (...) A história da Europa é como um grande rio, onde fluem vários rios e fontes, uma diversidade que compõe a tradição e cultura é a sua grande riqueza. A base da identidade da Europa é construída sobre o cristianismo” – recordou João Paulo II¹⁰.

Durante a visita ad limina em 1998, o Papa fez uma observação importante, dizendo aos bispos que neste grande trabalho, que vai enfrentar o continente no processo de integração, não pode faltar a participação dos católicos polacos. João Paulo II afirmou que a Europa precisa da Polónia, profundamente crente e do ponto de vista cristão culturalmente criativa, “consciente do seu papel designado pela providência divina”. – Isso, que a Polónia pode e deve servir a Europa, é essencialmente idêntico à tarefa de reconstruir a comunidade

¹⁰ Homilia de João Paulo II durante a missa papal em Gniezno de 3 de Junho de 1997, “L'Osservatore Romano”, edição polaca, n.º 7/1997.

espiritual na sua própria casa, com base na fidelidade ao Evangelho. A nossa nação, que já sofreu muito no passado e particularmente durante a Segunda Guerra Mundial, tem muito para oferecer à Europa, acima de tudo a sua tradição cristã e rica experiência religiosa contemporânea – observou o Papa.

Segundo João Paulo II, a Igreja Católica da Polónia por meio da integração europeia enfrenta uma grande tarefa histórica, para cuja realização são necessários a frescura missionário e o zelo apostólico. Ele apontou que os polacos devem encontrar dentro de si muita força, para que o povo polaco possa efectivamente resistir às tendências da civilização moderna, que sugerem um afastamento de valores espirituais e a aproximação ao consumo ilimitado ou ao abandono dos princípios morais tradicionais da religião, virando-se para a cultura laica e relativismo moral. A cultura cristã polaca, o ethos religioso e nacional são valiosos locais de energia, que a Europa de hoje precisa de manter dentro das suas fronteiras e promover o desenvolvimento integral do ser humano. Neste domínio juntam-se esforços da Igreja universal e todas as igrejas locais da Europa. Cada um devia contribuir para esta grande obra com a sua cultura, tradição, experiência, fé e zelo apostólico – disse João Paulo II no seu discurso aos bispos polacos por ocasião da visita ad limina¹¹.

O Papa reiterou várias vezes, que entre os benefícios da entrada da Polónia na cooperação com os países da Europa Ocidental, é que está também tem uma missão importante a cumprir no continente – entregar um conjunto de valores. Quanto mais próximo do referendo europeu na Polónia, tanto mais as opiniões de João Paulo II se tornavam mais claramente a favor da participação polaca nas estruturas da União Europeia, sublinhando que o país tem a sua própria face espiritual, cultural e religioso. O Papa lembrou, que a sua pátria pertence ao círculo da cultura cristã ocidental há mais de mil anos, e que a Polónia foi co-criadora da Europa. Portanto, o líder da Igreja Católica lembrou aos seus compatriotas, que eles não têm de entrar na Europa, porque já vivem nela há dez séculos.

Os discursos do Papa feitos durante a visita ad limina indicaram claramente as linhas mestras das responsabilidades pedidas à Igreja Católica polaca na perspectiva da futura adesão da República da Polónia às estruturas da União Europeia. Mas não era apenas a hierarquia e os membros da Igreja católica que eram interpelados. O Papa também se dirigiu a pessoas ligadas à cultura, bem como se referiu às questões da construção da democracia e da unidade na sociedade civil. Os mais

¹¹ João Paulo II, *Odnova człowieka i społeczeństwa...*, op. cit.

altos membros da hierarquia da Igreja Católica polaca receberam a mensagem papal como a entrega de uma missão à sociedade polaca, a qual é constituída tanto pelas autoridades civis, como pelas Igrejas cristãs e de outras confissões existentes na Polónia¹².

Especificando as novas responsabilidades que a Polónia assume, o Papa apresentou também os perigos e os desafios associados ao processo de integração europeia. Ele sublinhou, que a Europa precisa da Polónia profundamente crente. A sua mensagem para a importante missão histórica dos polacos nas estruturas da União Europeia dirigia-se em primeiro lugar aos representantes da Conferência Episcopal da Polónia. As suas orientações significativas nesta matéria foram apresentadas pelo Papa durante a visita ad limina dos bispos polacos ao Vaticano, em Fevereiro de 1998. O Sumo Pontífice observou, que tudo com que a Polónia pode e deve servir a Europa é essencialmente idêntico à tarefa de reconstrução da comunidade espiritual, baseada na fidelidade ao Evangelho. – A nossa nação, que sofreu muito no passado, especialmente durante a II Guerra Mundial, tem muito para oferecer à Europa, especialmente a sua tradição cristã e ricas experiências religiosas contemporâneas – observou João Paulo II¹³.

As peregrinações papais à Polónia em 1997 e 1999 foram para João Paulo II uma oportunidade perfeita para participar num debate sobre o futuro da Europa unida. O Sumo Pontífice falou frequentemente sobre o assunto da integração europeia e o lugar que ocupa no continente, lembrando também a história do cristianismo europeu, em que os polacos tiveram uma rica participação. Mas sobre as estreitas relações da Polónia com a Europa João Paulo II falava ainda do período em que o regime comunista dominou no seu país, ou seja, até ao final dos anos 80. No seu discurso dirigido aos peregrinos no dia 17 de Maio de 1984, no Vaticano, por ocasião do 40.º aniversário da batalha de Monte Cassino, Karol Wojtyła lembrou o papel da Igreja Católica de aproximar a Polónia à Europa. – Através do baptismo, a nossa pátria permanentemente esteve associada a Roma, à capital de São Pedro e à cultura cristã do Ocidente. Assim foi durante os primeiros mil anos da nossa história. Nós acreditamos que vai ser assim também durante

¹² H. Muszyński, *Wkład Jana Pawła II w budowanie jedności europejskiej – w świetle przesłania skierowanego do Polski i Polaków* (O contributo de João Paulo II na construção da unidade europeia). A palestra realizada em Roma no dia 22.02.2002 durante III Forum Internacional organizado pela Fundação de Alcide De Gasperi.

¹³ João Paulo II, Discurso aos bispos polacos por ocasião da visita ad limina Apostolorum no dia 14 Fevereiro 1998, in *Program dla Kościoła w Polsce* (O programa para a Igreja na Polónia), Cracóvia, 1998.

os milénios seguintes, e que nada tirará a Polónia das fontes do cristianismo e da cultura cristã – disse o Papa¹⁴.

A integração da Polónia nas estruturas europeias era na opinião de João Paulo II, não apenas uma oportunidade, mas também uma obrigação. Entre os valores espirituais com os quais a Polónia podia enriquecer a Europa, o Papa apontava a fé viva, a ligação à tradição religiosa e ao zelo dos sacerdotes polacos no trabalho pastoral¹⁵. Entretanto durante a sua visita à Polónia em 1997, João Paulo II lembrou aos seus conterrâneos sobre as tarefas que os católicos tinham perante a adesão à União Europeia. No dia 8 de Junho de 1997 durante o seu encontro com os bispos polacos, que se realizou em Cracóvia, terra natal de Karol Wojtyła, o Papa relembrou este tema. O Sumo Pontífice observou, que a Igreja católica polaca pode oferecer à Europa no processo da unificação a “ligação à fé, inspirada pela religião, pela tradição, pelo esforço dos bispos e sacerdotes, bem como outros valores, através dos quais a Europa poderia ser ajudada a ser um organismo não apenas com um bom nível económico, mas com profundidade de vida espiritual”¹⁶.

João Paulo II via na cultura cristã polaca uma valiosa fonte de energia, que podia ajudar muito particularmente a Comunidade Europeia. Segundo o Papa, outros factores relevantes eram o ethos religioso e patriótico dos polacos. No entanto, colocava uma condição – neste processo deve ser respeitada a dignidade e o bem de toda a sociedade. O Santo Padre indicava, que só um esforço comum de todos os cristãos, inspirado pelo Evangelho, pode de maneira eficaz opor-se às tendências de laicização da cultura, consumismo, relativismo ético, afastamento dos valores religiosos e morais, bem como dos outros fenómenos da vida contemporânea. João Paulo II dedicou também muito tempo a falar sobre o direito à vida desde a concepção até à morte natural e muitas vezes chamou a atenção para a ameaça do aborto e da eutanásia para o futuro do continente Europeu e do mundo. No entanto, a sua atitude negativa em relação a estas questões não significava que o Papa estava contra o processo da integração europeia, como

¹⁴ João Paulo II, Discurso aos peregrinos polacos por ocasião do 40.º aniversário da batalha de Monte Cassino, “L’Osservatore Romano”, edição polaca, n.º 5/1984.

¹⁵ H. Muszyński, *Wkład Jana Pawła II w budowanie...*, op. cit.

¹⁶ Mensagem de João Paulo II à Conferência Episcopal da Polónia de 8 Junho de 1997, “L’Osservatore Romano”, edição polaca, n.º 7/1997.

fora sugerido por vários euro-cépticos no período antes do referendo europeu na Polónia¹⁷.

O Papa polaco no seu pensamento não hesitava em apresentar um vínculo forte da Polónia com a Europa, que se mantinha através das raízes cristãs do Velho Continente. O Santo Padre por um lado, costumava sublinhar que “os fundamentos da identidade da Europa são cristãos”, e por outro lado, indicava que a fidelidade às raízes e a identidade histórica não significam um retrocesso ou a ocupação da história, mas devem ser adaptadas às novas e diferentes condições que existem na Europa no tempo presente. O Papa falou sobre isto nas suas últimas palavras da peregrinação na Polónia em 1997 durante a sua despedida em Cracóvia. – A fidelidade às raízes não significa copiar padrões do passado de maneira mecânica. A fidelidade às raízes é sempre criativa, pronta para ir ao mais profundo, aberta aos novos desafios, sensível «aos sinais dos tempos». Manifesta-se também no interesse pelo desenvolvimento da cultura, onde o fio condutor cristão esteve presente desde o início. A fidelidade às raízes significa uma capacidade de construir os vínculos orgânicos entre os valores eternos – que muitas vezes na história já foram comprovadas – e os desafios do mundo contemporâneo estão, entre a fé e a cultura, entre o Evangelho e a vida. Eu desejo aos meus compatriotas e desejo à Polónia, que desta forma consigam ser fiéis a si próprios e às suas raízes, de onde cresceram. A Polónia fiel às suas raízes. A Europa fiel às suas raízes – disse João Paulo II¹⁸.

Na perspectiva de entrada na União Europeia, teve particular importância para a Polónia o discurso do Papa João Paulo II realizado no dia 11 de Junho de 1999, em que se dirigia a ambas as câmaras do Parlamento polaco. Foi dedicada muita atenção na sua intervenção ao processo de integração da Polónia nas estruturas europeias. O Sumo Pontífice destacou o mérito do movimento Solidariedade no processo de mudanças, que decorreram na Polónia e no continente europeu. João Paulo II observou, que os eventos decorridos em 1989 criaram uma oportunidade histórica para que o continente europeu pudesse abandonar definitivamente as barreiras ideológicas e encontrasse o caminho para a unidade. Karol Wojtyła disse: Já falei sobre isto muitas vezes, desenvolvendo a metáfora dos “dois pulmões” com as quais devia respirar a Europa, unindo em si as tradições do Oriente

¹⁷ J. Bajda, *Co z tą Europą?* (Que tal com a Europa?), artigo in jornal “Nasz Dziennik”, 31.01.02/1.1.2003.

¹⁸ Discurso de despedida de João Paulo II no aeroporto de Cracóvia no dia 10 de Junho de 1997, in “L'Osservatore Romano”, edição polaca, n.º 7/1997.

e do Ocidente. No entanto, em vez do esperado espírito comunitário registamos novas divisões e conflitos. Esta situação traz para os políticos, para as pessoas da ciência e da cultura, e para todos os cristãos uma necessidade urgente de novas iniciativas que sirvam a integração da Europa¹⁹.

No seu discurso no Parlamento da Polónia no dia 11 de Junho de 1999, o Papa sublinhou uma vez mais que a unidade deve ser construída na base de valores universais e profundamente humanistas típicos da cultura europeia, tais como a caridade, a fraternidade, a solidariedade, o respeito pela dignidade humana, bem como o respeito pelos princípios fundamentais da ética na vida pública e política. Ele exortou tanto os políticos como as pessoas da cultura e mesmo os bispos polacos a tomar novas iniciativas com vista a servir a integração europeia. – A nova unidade da Europa, se nós queremos torná-la estável – deve ser construída sobre esses valores espirituais, tendo em conta a riqueza e a diversidade de culturas e tradições das várias nações. Assim será uma grande Comunidade Europeia do Espírito. Também aqui, repito o meu apelo, já antes dirigido ao velho continente: “Europa, abre as portas a Cristo!” – disse o Sumo Pontífice.

No seu discurso no Sejm, João Paulo II manifestou o seu apreço pelos esforços feitos “consequente e solidariamente, no sentido de restaurar a soberania polaca: na procura de um lugar seguro para a Polónia, na Europa no processo de unificação, e no mundo”. – A Polónia tem todo o direito de participar no processo geral de progresso e desenvolvimento do mundo, especialmente da Europa. A integração da Polónia na União Europeia é desde o início apoiada pela Santa Sé. A experiência histórica da nação polaca, a sua riqueza espiritual e cultural podem contribuir para o bem global e para o bem de toda a família humana, especialmente para reforçar a paz e a segurança na Europa – sublinhou João Paulo II²⁰.

O Papa lembrou também no Sejm aos políticos polacos, que a Igreja Católica se junta fortemente à sua missão, particularmente no continente europeu. Observou que o rosto espiritual da Europa resulta do esforço dos grandes missionários e dos seus mártires. Sublinhou igualmente a importância das igrejas construídas com grande dedicação e dos centros de vida contemplativa, por meio dos quais os

¹⁹ Discurso de João Paulo II no Parlamento da República da Polónia em Varsóvia, no dia 11 de Junho de 1999, in “L’Osservatore Romano”, edição polaca, n.º 8/1999.

²⁰ Ibidem.

européus foram educados através da mensagem humanista passada nas universidades.

João Paulo II deixou aos seus conterrâneos uma importante mensagem sobre a integração europeia numa carta dirigida aos participantes da peregrinação nacional a Roma no dia 19 de Maio, no qual o Papa apoiou os esforços polacos para aderir à União Europeia. Apresentado na Praça de São Pedro o discurso do Sumo Pontífice foi anexad à carta “de referendo” redigida pelos bispos polacos a 2 de Maio de 2003²¹.

Teologia
dialogu

As palavras com que João Paulo II falou aos seus compatriotas foram significativas e mostraram claramente a posição do chefe da Igreja Católica relativamente à questão da integração europeia. No seu discurso aos participantes da peregrinação nacional a Roma, na qual participaram o presidente da República da Polónia, Aleksander Kwaśniewski e os representantes do governo e as autoridades locais, Karol Wojtyła recordou a história recente e difícil da Polónia contemporânea. O Papa fez alusões às suas reuniões anteriores com os representantes da República Popular da Polónia, lembrando também as suas várias peregrinações à pátria “mergulhada no comunismo” e depois da ditadura²².

Durante o seu discurso em Roma, o Sumo Pontífice chamou a atenção para uma reunião com os presidentes dos países vizinhos da Polónia em 1997, em Gniezno. O Papa três semanas antes do referendo europeu na Polónia disse que “não haverá unidade da Europa, até que ela se torne uma comunidade de espírito”. Ele acrescentou também que o cristianismo teve um grande papel neste quadro, que é “o fundamento mais profundo da unidade” para a Europa, e que “o núcleo da identidade europeia está construído sobre o cristianismo”²³. – Hoje, quando a Polónia e outros ex-países do Bloco de Leste estão a entrar nas estruturas da União Europeia, repito essas palavras. Não digo isto para vos desanimar. Pelo contrário, para indicar que esses países têm uma missão importante na Europa. Eu sei que há muitos que são contra a integração. Eu aprecio a sua preocupação em preservar a identidade cultural e religiosa de nossa nação. Partilho as suas preocupações sobre o arranjo das forças económicas, em que a Polónia – depois de

²¹ M. Zając, *W jedności podzieleni* (Divididos em união), “Tygodnik Powszechny”, n.º 25 (2815), 22.06.2003.

²² João Paulo II, *25 lat spotkań z Polakami – odzwierciedlenie historii ostatniego ćwierćwiecza Polski, Europy i Kościoła* (Os 25 anos de encontros com os polacos – o retrato da história dos últimos 25 anos da Polónia, Europa e da Igreja), discurso do dia 19.05.2003, in www.opoka.pl

²³ Discurso de João Paulo II aos Presidentes de sete países europeus no dia 3.06.1997 em Gniezno, in www.mateusz.pl

muitos anos de exploração do antigo sistema – parece ser um país com grandes oportunidades, mas também com poucos recursos. Mas tenho que salientar mais uma vez que a Polónia tem sido sempre uma parte importante da Europa e hoje não se pode excluir desta comunidade, esta comunidade, que embora em níveis diferentes vive através de crises, mas constitui uma família de nações com base na tradição cristã comum. A entrada nas estruturas da União Europeia em igualdade de direitos com os outros países, é para a nossa nação e para os vizinhos povos eslavos uma expressão da justiça histórica, e por outro lado, pode constituir um enriquecimento para a Europa. A Europa precisa da Polónia. A Igreja na Europa precisa do testemunho de fé dos polacos. A Polónia precisa da Europa. De União de Lublin à União Europeia! Este é um grande atalho, mas nisto se coloca muito conteúdo. A Polónia precisa da Europa. É um desafio que a modernidade que se coloca em frente de nós e de todos os países, que coloca uma onda de mudanças políticas na região chamada Europa Central e de Leste que conseguiu sair do círculo de influência do comunismo ateu. Este desafio, entretanto, impõe sobre os crentes uma tarefa – a tarefa de se empenhar em construir um espírito de comunidade baseado nos valores, que permitiram suportar décadas de ateísmo planeado – disse aos seus conterrâneos João Paulo II²⁴.

O Papa, no seu último livro “Memória e Identidade” publicado em 2005 mais uma vez lembrou aos polacos a forte ligação do seu país com a Europa. Observou que os seus conterrâneos deviam ficar em contacto próximo com o pensamento europeu, sublinhando que um polaco não pode realizar uma reflexão profunda sobre a pátria, sem chegar a falar da Europa “sem acabar por se interrogar sobre a incidência que teve a Igreja no desenvolvimento de ambas as realidades diversas, mas também com influências recíprocas profundas, pelo que se torna inevitável aludir, no discurso, a qualquer uma destas realidades: Europa, Igreja, mundo”²⁵.

Palavras-chave: Karol Wojtyła, João Paulo II, Igreja Católica, Polónia, União Europeia, integração europeia.

²⁴ João Paulo II, *25 lat spotkań z Polakami...*, op. cit.

²⁵ Idem, “Memória e Identidade”, Milão, 2004.